



Noturno



Exercícios
Complementares

Português
Prof.: Marcelle

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

01. LEIA

A falta de recato com a própria intimidade, revelada sem pejo em algumas páginas da internet, nas telas do “Big Brother” e nas traseiras de automóveis, onde se veem grudadas figurinhas representativas da composição da família proprietária, constitui, em um primeiro olhar, exercício de direito à autoexposição.

Pondero, para a reflexão do leitor, que o abuso desse direito à imagem escancarada poderá levar à supressão do direito fundamental à privacidade, abrindo espaço para a ditadura do monitoramento oficial ilimitado.

É, contudo, no exagerado exercício individual do direito de abrir mão da privacidade que mora o problema. Se considero normal informar ao estranho que vai à traseira do meu carro que somos cinco em casa, como poderei exigir da loja da esquina a manutenção em segredo do cadastro que lá preenchi? Por que o fiscal do Imposto de Renda deveria se privar de vasculhar minha conta corrente se é gratuito a todos os que me “seguem” o quanto gastei no final de ano em determinado shopping?

Adaptado de Roberto Soares Garcia, Folha de S.Paulo, 27/02/2011

Considere as seguintes afirmações:

I. O texto caracteriza-se como relato pessoal, com teor fortemente subjetivo, com verbos no passado, tendo por objetivo relatar uma situação particular vivida por seu autor.

II. O texto segue o estilo da crônica, sendo curto e leve, em linguagem informal, com objetivo principal de entreter o leitor por meio do uso destacado de humor.

III. O texto é um artigo de opinião persuasivo, em que seu autor se posiciona criticamente, defendendo uma tese por meio de argumentos que conduzem o leitor para uma conclusão.

Assinale:

- a) se apenas I e II estiverem corretas.
- b) se apenas II e III estiverem corretas.
- c) se apenas I estiver correta.
- d) se apenas II estiver correta.
- e) se apenas III estiver correta.

02. LEIA

Acontece que os cientistas são humanos. Os livros de História normais se esquecem de mencionar esse fato, mas eles são. Leibniz, Newton, Kepler, Mendel, Pasteur – todos foram acusados de fraude, e podem muito bem tê-la cometido. A acusação contra Leibniz, feita enquanto ele ainda era vivo, foi de plágio. Não sei se realmente ele era culpado, mas a Sociedade Real de Londres decidiu que sim e o condenou. O estudioso R. Westfall, em 1973, acusou Newton de “fraude deliberada”, pois descobriu que o cientista falseou os números para atingir os dados desejados. Kepler sempre afirmou que sua teoria sobre a órbita elíptica dos planetas se apoiava em cálculos matemáticos, mas, em 1990, descobriram que os números haviam sido inventados, e seu crime foi expresso em manchete de jornal. Mendel relatou proporções genéticas que não poderia ter visto em suas plantas e que não poderiam ter resultado de “acidentes de mostragem”. Ninguém sabe, contudo, se foi Mendel ou um de seus assistentes quem cometeu o erro. Pasteur, o cientista francês que descobriu como o calor mata os germes, mentiu a respeito de seus métodos, manipulou os dados e roubou uma ideia de um concorrente. As falcaturas foram descobertas no começo da década de 1990.

(SHENKMAN, R. As mais famosas lendas, mitos e mentiras da história do mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Adaptado.)

A tese apresentada no texto é defendida por meio de

- a) dados estatísticos.
- b) exemplos.
- c) argumento de autoridade.
- d) argumento religioso.
- e) raciocínio lógico.

03. LEIA

Medo da cidade

Hoje não existem grandes utopias. Alternativas para o que é percebido como problema das cidades são imaginadas, como a adoção de soluções particulares e a criação de espaços que negam o que é a essência do urbano moderno: abertura, liberdade, heterogeneidade, imprevisibilidade, anonimato. Privatização virou uma palavra mágica, remédio para todos os males, caminho para a modernidade numa era em que já não se acredita em progresso ou no desenvolvimento induzido pelo Estado. O receituário neoliberal manda privatizar, livrar-se do Estado, adotar soluções particulares e fragmentadas. Esse receituário, aplicado à segurança e ao espaço urbano, agrava tendências para as quais pretende ser solução, como a violência. Privatização, enclausuramento e isolamento, além de não poderem resolver o problema da segurança, fazem o medo circular e alimentam o ciclo de violência. De fato, eles reproduzem o medo da cidade sem poder criar um espaço sem medo. A noção do público como resíduo, como o que sobra do lado de fora dos muros, como aquilo que é para os que não têm meios de se defender por si próprios, além de não-democrática, não pode conduzir a uma solução para o problema da violência. Segurança é uma questão pública e coletiva, não privada. Porque a violência tem a ver com o estranho, o imprevisível, o desconhecido, pensa-se que possa ser controlada através de fortificações e cercamentos. Mas segurança tem a ver com a ordem pública, não com a ordem privada intramuros. A multiplicação de seguranças privadas e de todos os esforços de enclausuramento e blindagem minam a autoridade pública, a única capaz de manter a ordem e a segurança coletivas. Além disso, tornam mais explícita a desigualdade social.

(CALDEIRA, T.)

Uma das teses defendidas pela autora.

- a) Políticas privatizadoras devem propor construções fortificadas como medida de segurança.
- b) O convívio com o medo deve-se à separação entre as esferas do público e do particular.
- c) A segurança deve ser mantida pelo Estado, garantindo uma convivência mais democrática entre os cidadãos.
- d) O neoliberalismo propõe soluções que visam à segurança daqueles que não têm como se defender.
- e) O poder público busca soluções que se assemelham àquelas propostas pela segurança privada.

04. No texto, a cidade é mostrada como:

- a) organização político-geográfica que, apesar dos problemas, possibilita experiências pessoais e interpessoais.
- b) modelo de organização espacial contemporâneo deteriorado pela ocupação desordenada, o que a torna inviável.
- c) exemplo da adoção do receituário neoliberal, responsável pelo surgimento da violência que assola o meio urbano.
- d) fruto da globalização, o que garante uma sociedade de iguais, preocupados com o bem comum.
- e) lugar que privilegia a homogeneidade, tolhendo manifestações de subjetividade.

05. As palavras do primeiro parágrafo: utopias, heterogeneidade e males poderiam ser substituídas, sem prejuízo de sentido, respectivamente, por

- a) deslumbramentos, distinção e viroses.
- b) projetos, diversidade e mazelas.
- c) ilusões, hegemonia e achaques.
- d) enganos, igualdade e problemas.
- e) planejamentos, variedade e doenças.

06. LEIA

Sobre os perigos da leitura

Nos tempos em que eu era professor da Unicamp, fui designado presidente da comissão encarregada da seleção dos candidatos



ao doutoramento, o que é um sofrimento. Dizer esse entra, esse não entra é uma responsabilidade dolorida da qual não se sai sem sentimentos de culpa. Como, em 20 minutos de conversa, decidir sobre a vida de uma pessoa amedrontada? Mas não havia alternativas. Essa era a regra. Os candidatos amontoavam-se no corredor recordando o que haviam lido da imensa lista de livros cuja leitura era exigida. Aí tive uma ideia que julguei brilhante. Combinei com os meus colegas que faríamos a todos os candidatos uma única pergunta, a mesma pergunta. Assim, quando o candidato entrava trêmulo e se esforçando por parecer confiante, eu lhe fazia a pergunta, a mais deliciosa de todas: "Fale-nos sobre aquilo que você gostaria de falar!". [...]

A reação dos candidatos, no entanto, não foi a esperada. Aconteceu o oposto: pânico. Foi como se esse campo, aquilo sobre o que eles gostariam de falar, lhes fosse totalmente desconhecido, um vazio imenso. Papaguear os pensamentos dos outros, tudo bem. Para isso, eles haviam sido treinados durante toda a sua carreira escolar, a partir da infância. Mas falar sobre os próprios pensamentos – ah, isso não lhes tinha sido ensinado!

Na verdade, nunca lhes havia passado pela cabeça que alguém pudesse se interessar por aquilo que estavam pensando. Nunca lhes havia passado pela cabeça que os seus pensamentos pudessem ser importantes.

(Rubem Alves, www.cuidardoser.com.br. Adaptado)

De acordo com o texto, os candidatos

- a) não tinham assimilado suas leituras.
- b) só conheciam o pensamento alheio.
- c) tinham projetos de pesquisa deficientes.
- d) tinham perfeito autocontrole.
- e) ficavam em fila, esperando a vez.

07. O autor entende que os candidatos deveriam

- a) ter opiniões próprias.
- b) ler os textos requeridos
- c) não ter treinamento escolar.
- d) refletir sobre o vazio.
- e) ter mais equilíbrio.

08. A expressão "um vazio imenso" (3.º parágrafo) refere-se a

- a) candidatos.
- b) pânico.
- c) eles.
- d) reação
- e) esse campo

09. LEIA

A cultura da amizade

A amizade tem sido eleita por pensadores e artistas de diversos tempos como uma das coisas mais importantes da vida. Há quem lhe atribua importância maior que o amor.

Em nosso mundo contemporâneo não faltam produções escritas ou audiovisuais que coloquem a amizade no mais alto patamar. Porém, tanto nas produções de tempos passados como nas de tempos atuais, a amizade é tratada como um ideal, no sentido de que é algo difícil de ser obtido. Na Antiguidade Clássica, Cícero já apontava a existência daqueles que suprimem a amizade de suas vidas ao comentar que os que assim o faziam pareciam-no privar o mundo do sol. Se há um amplo conhecimento de sua importância, por que a amizade é vista e apresentada como algo difícil e raro?

Montaigne, em suas reflexões, oferece alguns elementos que nos permitem abordar melhor a questão. Ao apresentar a amizade como um tipo de relacionamento no qual se busca intimidade sem reservas, Montaigne põe o foco em um aspecto das relações pessoais que, se foi complexo em seu tempo, seguramente é problemático na sociedade ocidental contemporânea. É uma característica de seus dias atuais o crescente individualismo, que alguns pensadores preferem qualificar como narcisista. Vive-se em um ambiente no qual, mais do que ser, é preciso parecer. A criação da atividade de consultor de imagem nos dá a dimensão da separação cada vez maior entre o que efetivamente somos e a imagem que buscamos transmitir. A nossa aparência não busca refletir o que somos mas, em uma inversão do significado da palavra "imagem", é ela quem nos define para os outros. Em tal contexto, como construir intimidade? E, em consequência, como cultivar amizades?

Se tem sido benéfico para o sistema econômico, o individualismo narcisista tem transformado, no plano das relações pessoais, campos aráveis em terrenos arenosos.

Milhares de anos atrás, a humanidade foi desafiada e deu uma resposta em um salto qualitativo ao aprender a cultivar a terra. Hoje, novo desafio é colocado e, novamente, a alternativa pode estar no desenvolvimento do cultivo, da cultura da amizade.

(Guia do Estudante – Redação vestibular 2008. São Paulo: Abril, 2008.)

O texto dissertativo apresenta três partes essenciais: um introdução, na qual é exposta a tese ou ideia principal que resume o ponto de vista do autor acerca do tema; o desenvolvimento, constituído pelos parágrafos que explicam e fundamentam a tese; e a conclusão. Numere-os parágrafos do texto em estudo e identifique:

- a) O parágrafo em que é feita a introdução do texto;
- b) Os parágrafos que constituem o desenvolvimento do texto;
- c) O parágrafo de conclusão.

10. Releia o parágrafo em que é feita a introdução do texto. Qual é a tese desenvolvida pelo autor?

11. O desenvolvimento é formado pelos parágrafos que fundamentam a tese. Normalmente em cada parágrafo é apresentado e desenvolvido um argumento. Cada argumento pode ser desenvolvido por meio de procedimentos como:

- Comparação
- alusão histórica
- citação
- oposição ou contraste
- exemplificação
- definição
- apresentação de dados estatísticos
- relação causa-efeito

12. Reconheça no desenvolvimento do texto o parágrafo em que é feito uso de:

- a) Comparação
- b) Alusão histórica
- c) Citação
- d) Oposição ou contraste
- e) Definição
- f) Relação de causa e efeito

13. texto dissertativo-argumentativo faz uso de dois tipos básicos de conclusão: a conclusão-resumo, que retoma as ideias do texto, e a conclusão-sugestão, em que são feitas proposta para a solução de problemas. Que tipo de conclusão o texto apresenta?

14. Observe a linguagem do texto.

- a) que tempo e modo verbais são predominantes?
- b) qual é a variedade linguística empregada?
- c) a linguagem é predominantemente pessoal ou impessoal? Justifique sua resposta com base na pessoa do discurso, nas formas verbais e nos pronomes empregados.
- d) o texto revela maior preocupação com a expressividade, com a emotividade ou com a precisão de informações?

Namorados públicos

...Ninguém pode dizer que o Rio não seja uma cidade de namorados: ela o é. Seria difícil, aliás, compreender-se uma cidade tão pródiga em beleza, sem namorados. Mas são namorados, meu Deus, ou tão ousados ou tão tímidos que parecem uma contrafação* da natureza humana diante da Natureza. Grande culpada disso foi, até certo tempo, a nosso polícia de costumes, que arrolava todas as carícias de namorados dentro de um mesmo código moral, chegando até ao abuso de prender gente casada que saía para namorar fora de casa. Não. Há carícias e carícias. Que mal existe em se beijarem os namorados em praça pública ou nos cantos de rua? Em que uma coisa dessas ofende a moral? Por que não se poderem eles abraçar ternamente, quando tiverem vontade? Pois parece incrível: outro dia um amigo meu contou que foi "apitado" várias vezes por um guarda do Jardim Botânico, por estar dando um "peguinha" na namorada. De fato: é justo, mais do que justo, que



se moralizem os costumes. Nada mais certo. Mas perseguir os namorados, da mesma forma que arrancar as plantas dos parques, ou maltratar os animais, é indício de mau caráter. Que os namorados se beijem à vontade nesta linda Rio de Janeiro. Nada há de mal no beijo dos namorados, como no amor dos pássaros. Deixai os nos seus parques. Nas suas ruas escuras, nos seus portões de casa. Deixai-os namorar, Senhor Prefeito, Senhor Diretor do Jardim Botânico, deixai os namorar, porque eles têm cada dia menos lugares onde ir esconder seus anseios. Deixai-os se beijarem à vontade, porque o que em seus beijos irrita os burgueses moralizantes é justamente essa liberdade, essa beleza, essa poesia, esse voo que há num beijo de amor. Tréguas aos namorados!

(Folha de São Paulo. O melhor de Vinícius de Moraes. Companhia das Letras, 1994.)

contrafação: fingimento

15. Em “ela o é.”, o pronome ela faz referência ao seguinte termo:
() o Rio. () ninguém. () de namorados.
() cidade. () em beleza.

16. “Não. Há carícias e carícias.” A repetição do vocábulo “carícias” significa que:
() demonstrações de carinho podem ser mais ou menos ousadas.
() cariocas são muito amorosos nas relações sentimentais.
() carícias dos namorados são sempre muito frequentes.
() carinhos excessivos podem levar uma pessoa à prisão.
() pessoas casadas são mais ousadas que as demais.

17. “Que os namorados se beijem à vontade nesta linda Rio de Janeiro.” O período expressa a seguinte ideia do narrador:
() indício de moralização e mudança de costumes muito antigos.
() descaso da população carioca em relação à moral e à ética.
() contestação ante os manifestos de afeto em público.
() necessidade de intervenção da polícia de costumes.
() exaltação ao namoro e ao amor no Rio de Janeiro.

18. O uso da expressão “burgueses moralizantes” indica o sentimento de:
() receio. () louvor. () desrespeito.
() crítica. () indecisão.

Terra em chamás

Com seu privilégio territorial, o Brasil jamais deveria ter o campo conflagrado. Existem 371 milhões de hectares prontos para a agricultura no país, uma área enorme, que equivale aos territórios de Argentina, França, Alemanha e Uruguai somados. Mas apenas 14% dessa terra, igual à Alemanha, tem algum tipo de plantação. Outros 48%, área quase igual à do México, destinam-se à criação de gado. O que sobra, uma África do Sul inteira, é o que os especialistas chamam de terra ociosa. Nela não se produz 1 litro de leite, uma saca de soja, 1 quilo de batata ou um cacho de uva. Por trás de tanta terra à toa esconde-se outro problema agrário brasileiro. Quase metade da terra cultivável está nas mãos de 1% dos fazendeiros, enquanto uma parcela ínfima, menos de 3%, pertence a 3,1 milhões de produtores rurais. É como se a população da cidade de Resende, no interior do Estado do Rio de Janeiro, fosse dona de três Franças, enquanto a população da Nova Zelândia tivesse apenas um Estado de Santa Catarina.(...) Juntando tanta terra na mão de poucos e vastas extensões improdutivas, o Brasil montou o cenário próprio para atear fogo ao campo. É aí que nascem os conflitos, que nos últimos quinze anos, só em chacinas, fizeram 115 mortos. Daí surge a massa de sem terra, formada tanto por quem perdeu seu pedaço para plantar como pela multidão de excluídos, desempregados ou biscateiros da periferia das grandes cidades, que são, de uma forma ou de outra, gente também ligada à questão da terra – porque perdeu a propriedade, porque não choveu, porque o pai vendeu a fazenda, porque ela foi inundada por uma represa. (VEJA. "Sangue em Eldorado". SP Editora Abril, Edição 1441 / Ano 29 / N 17. 24/04/96. p. 40.)

conflagrado - em agitação, em convulsão

19. (UFRJ) Um dos aspectos do problema tematizado em "Terra em chamás" está discutido no seguinte trecho: “O que sobra, uma África do Sul inteira, é o que os especialistas chamam de terra ociosa. Nela não se produz 1 litro de leite, uma saca de soja, 1 quilo de batata ou um cacho de uva. Por trás de tanta terra à toa esconde-se outro problema agrário brasileiro.”

a) Aponte a diferença de sentido entre "terra ociosa" e "terra à toa", no trecho destacado.

20. Na primeira frase do texto, há uma referência a “Brasil”, elemento a que se precisará fazer menção em vários momentos no texto. Para evitar a repetição literal, o autor faz uso de recursos coesivos anafóricos. Aponte-os.

21. Com que intenção discursiva foi utilizado o fragmento do texto abaixo?

“É como se a população da cidade de Resende, no interior do Estado do Rio de Janeiro, fosse dona de três Franças, enquanto a população da Nova Zelândia tivesse apenas um Estado de Santa Catarina.”

22. O título do texto Terra em chamás é coerente com o conteúdo do texto? Justifique sua resposta.